

Philip Yancey, *Decepcionado com Deus*, 6ª ed. (São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999), 262 pp. Trad. por Márcio Loureiro Redondo do original em inglês *Disappointment With God: Three Questions No One Asks Aloud*.

O premiado escritor e jornalista Philip Yancey vem marcando o cenário evangélico norte-americano e brasileiro com livros inovadores e de fácil leitura. A forma como a sua escrita flui é decorrente não só de sua habilidade, mas também do tempo que Yancey, como jornalista que é, gasta na revisão de suas obras. Numa entrevista cedida a uma revista evangélica brasileira, Yancey conta que, no período de dois anos que leva para escrever um livro, gasta 40% do tempo reunindo material, 20% escrevendo e 40% somente revisando. Sua vasta cultura, evidenciada nas citações de uma diversidade de autores, não torna pesado o conteúdo de seus livros, pois a forma como mescla os assuntos bíblicos com histórias bem contadas resulta num estilo bem agradável, cativante. Quanto à sua capacidade inovadora, não se trata de trazer respostas nunca dantes descobertas, mas de uma criatividade que olha certas verdades de pontos de vista ainda não abordados. Além disso, Yancey parece tender a uma prática de quebrar certos tabus, ou paradigmas, o que pode ser perigoso. Todavia, as características acima mencionadas já bastariam para recomendar a leitura de seus livros àqueles que não o conhecem.

A idéia do livro *Decepcionado com Deus* surgiu após várias entrevistas com pessoas desapontadas em sua vida cristã. Yancey se isolou por duas semanas lendo toda a Bíblia e enxergou uma história surpreendentemente nova. O fato de ter adquirido uma nova compreensão do enredo das Escrituras não significa que Yancey encontrou respostas para todo tipo de decepção com Deus. Ele afirma que algumas questões não têm respostas fáceis e outras nem mesmo possuem respostas (p. 20). Mas o seu desejo, ao iniciar esse projeto, foi “entender Deus melhor, aprender por que ele algumas vezes age de maneira misteriosa — ou nem parece agir” (p. 10).

Yancey se propõe a tratar das dúvidas emocionais (Deus é injusto? Deus está calado? Deus está escondido?) daqueles que oscilam na fé. Ele procura olhar os problemas da vida do ponto de vista daqueles que têm suas esperanças frustradas por esperarem pela ação miraculosa de Deus em suas vidas. Como ele mesmo justifica, “este é um livro de teologia; com toda certeza não um livro técnico, mas um livro acerca da natureza de Deus e de por que ele age de formas que causam perplexidade e de por que às vezes ele não age” (p. 23).

Partindo da história de Richard, exemplo típico de decepção com Deus, Yancey passa a mostrar que Deus não mais age hoje como fazia com o povo de Israel no deserto (agir justamente, falar audivelmente e aparecer visivelmente) pelo seguinte motivo: corre-se o risco de nos tornarmos viciados em sinais e não em Deus (p. 45). Isto é, o ideal de um Deus que se manifesta fisicamente dando orientação clara para os dilemas de nossa vida não contribui para o desenvolvimento da fé (pp. 42-43).

Quando ele menciona no prefácio (p. 10) que sua busca de compreensão do tema da decepção começa com Deus falando acerca de si, isto é, um estudo da forma como o Deus triúno se relaciona com os homens, concordamos que o alvo do seu estudo é teologicamente sadio. É correto pensar que muitos de nossos problemas são esclarecidos à medida que ampliamos o nosso conhecimento de Deus (pp. 22-23). Contudo, a meu ver, sua teologia passa a ser escorregadia e temerária à medida que Yancey coloca Deus no divã (algo que ele próprio disse que tentou evitar, p. 10). Enquanto ele descreve as emoções de Deus como pessoa (prazer, frustração, ira, etc.), “que deseja

desesperadamente amar e ser amado por nós” (p. 48), temo que Deus tenha ficado excessivamente parecido conosco. Ao responder a pergunta “Como é que é ser Deus?” (p. 49), Yancey coloca Deus esperando ansiosamente a nossa obediência, como se ele não fosse o causador da mesma no homem. O poder de Deus é apresentado como sendo impotente para produzir uma resposta de amor de nossa parte (pp. 67,109). Isto se dá porque as pressuposições arminianas de Yancey o fazem enfatizar em demasia a liberdade humana (pp. 57,89,117,136,170,171). Deus passa a ser um jogador (pp. 94,135,146,168-169) que assume riscos no relacionamento com os homens, e muitas vezes se frustra. Diante desses conceitos limitados acerca do Criador, Yancey desconsidera o amor soberano de Deus Pai que atrai as pessoas para si (Jr 31.3), a expiação eficaz de Deus o Filho que fica satisfeito por ter conquistado todos a quem veio salvar (Is 53.11; Jo 6.37-39) e a operação de Deus Espírito que sopra onde quer e opera em nós tanto o querer quanto o realizar (Jo 3.8; Fp 2.13). Essa é a crítica mais severa que posso fazer a esse livro.

Quanto ao formato do livro, as referências bíblicas colocadas no final de cada capítulo a fim de evitar uma leitura truncada, acabam tornando difícil para o leitor encontrar a referência de um determinado texto. Em alguns casos muitos textos são citados ou mencionados sem qualquer esclarecimento que auxilie na distinção entre eles. Números que levam a uma nota no final do texto ajudariam bastante.

Como avaliação positiva, devo reconhecer que o passeio de Yancey pelas Escrituras é bastante enriquecedor. Ele gasta cerca de 100 páginas do seu livro (2ª, 3ª e 4ª partes do Livro I) contando o “enredo” bíblico de como Deus está em constante contato com o homem. Desde Adão até os tempos de Jesus, o autor mostra as “desvantagens” (p. 69) de Deus ter agido diretamente na história do seu povo que tanto fracassou, questionando a idéia de que qualquer um seguiria um Deus que agisse justamente, falasse claramente e se revelasse visivelmente (p. 72). Isso é comprovado nos tempos de Moisés (pp. 69-70), Elias e Eliseu (p. 79) e Jesus (p. 111). Quando nos sentimos abandonados por Deus, como se ele tivesse nos traído, os escritos dos profetas nos revelam que Deus é a pessoa traída, decepcionada, e não o seu povo (p. 89). Em cada história bíblica pela qual Yancey passa, sempre há uma análise perspicaz com idéias instigantes.

Teologicamente falando, a idéia de que em nossos dias Deus não tem que agir sobrenaturalmente como no êxodo é bastante equilibrada. Neste ponto o livro de Yancey é importante para aqueles que foram frustrados por ouvirem sermões triunfalistas acerca da vida presente.

Yancey inicia o Livro II resumindo todo o conteúdo apresentado até então (pp. 151-152) e passa a aplicar os conceitos teológicos aos dilemas da vida. Ele usa a história de Jó para apresentar como tema central não o sofrimento, mas a fé (p. 161). Infelizmente, durante a análise do Livro de Jó Yancey volta às idéias arminianas de um Deus que aposta e que é tremendamente afetado por nossas decisões. Todavia, conclui positivamente que a vida presente é de fato injusta aos nossos olhos porque estamos presos ao tempo e não conseguimos ver toda a história do “ponto de vista de Deus” (p. 198). Enquanto a história não se completa aclarando o conceito de que todas as coisas cooperam para o bem dos filhos de Deus, Yancey acentua a importância da fé (p. 199). Mas trata-se de uma fé em meio à neblina. Neste ponto, Yancey faz uma distinção entre dois tipos de fé: o primeiro é

aguardar que o impossível aconteça; o segundo tipo, que é a ênfase do seu livro, é confiar em Deus ainda que nada aconteça (p. 204). Esta fé, que ele chama de fidelidade, é a maior maneira de demonstrar amor para com Deus: permanecer junto dele mesmo em meio às provações sem qualquer solução em vista (p. 208). Fé para crer que “jamais somos abandonados, não importa quão distante Deus pareça estar” (p. 237). “O mal, e não o bem, parece estar vencendo. Mas a Bíblia nos conclama a ver além da insensível realidade da história, a ter a visão de toda a eternidade, quando o domínio de Deus encherá a terra com a luz e a verdade. Em qualquer discussão acerca da decepção com Deus, o céu é a palavra final, a mais importante de todas as palavras” (p. 244).

As conclusões aqui resumidas tornam o Livro II agradável de ler, e capaz de trazer-nos um conforto real, bíblico. Sendo assim, a despeito das ressalvas feitas, recomendo o livro *Decepcionado com Deus* para o seu deleite devocional. Pela habilidade de Philip Yancey em conduzir esse assunto intrigante a conclusões já conhecidas, mas de forma inovadora, creio que este é um livro que será facilmente absorvido pelo leitor.

— Heber Carlos de Campos Júnior